

Tecnologia e modernidade como aliadas

João Barcelos

www.joaobarcelos.com.br

Vamos começar com um exemplo que, à primeira vista, pode parecer algo sem relacionamento algum com o que está sugerido no título acima. Suponhamos que tiramos um livro de uma estante (suponhamos, também, que a estante esteja arrumada). Depois de usá-lo, podemos agir de duas maneiras. Ou voltamos com o livro para o seu lugar, ou o deixamos num local qualquer. No primeiro caso, há uma única possibilidade. No outro, existem várias. Há tantas que é bem possível não nos lembrarmos de onde o livro foi deixado.

A tendência para a desordem é uma lei da natureza e é algo bem conhecido no nosso dia a dia. Para manter algo organizado, precisamos gastar energia. Se deixarmos seguir naturalmente, a tendência é a desorganização.

Entretanto, isto não significa que todas as posições do livro fora da estante sejam ruins. Algumas podem ser realmente como, por exemplo, deixar o livro jogado pelo chão ou esquecido sob a intempérie. Outras não. Vamos supor, então, que desejamos achar outra boa posição para o livro fora da estante. Neste caso, gastaremos mais energia do que aquela para manter o livro organizado onde estava. Pode ser que muito mais, pois as possibilidades são muitas também.

É este o ponto a que gostaria de chegar. Muitas vezes existem outras boas alternativas e não as vemos, ou não nos importamos com elas. Isto geralmente acontece porque ficamos tão acostumados em manter o que sempre fazemos que não pensamos sequer nessas outras possibilidades.

Usando esse raciocínio na pintura

Normalmente, na nossa pintura, escolhemos certo tema. As linhas e as formas estão lá, e até as cores também (pode ser que as luzes e as sombras daquele momento também nos agradem). O que fazemos é colocar essas formas dentro de uma composição. Ajustamos as cores, no meio das luzes e sombras, e buscamos a harmonia para tudo isso. Fazendo analogia com o que disse acima, essa atitude é como voltar com o livro para a posição em que estava na estante. Não há dúvidas de que é uma boa atitude. Seguir a natureza é, sem dúvida, um bom caminho para se fazer um bom trabalho.

Agora, pensemos no seguinte. Vamos supor que estamos diante de uma paisagem, mas não queremos seguir necessariamente aquelas linhas e, conseqüentemente, aquelas formas. Isso é algo como procurar uma boa posição para o livro fora da estante. Só que a complexidade é bem maior. Não sabemos exatamente quais as linhas que poderão levar a outra boa composição. Podemos simplesmente tentar. Como não temos muito direcionamento, poderemos acertar ou não. Como são muitas as possibilidades para errar, pode ser que erremos mesmo.

É aí que podemos usar a tecnologia a nosso favor. Essa mesma tecnologia que se intrometeu no mundo artístico para dizer, por exemplo, que por mais habilidoso que o artista fosse, ele perderia se tentasse competir com as lentes de uma Nikon e/ou os recursos de um *Photoshop*. Muitos continuam vivendo e ignorando que tais recursos existem. Mas isto não muda a situação. **Eles existem!** O fato de fazerem melhor aquilo que só os artistas sabiam fazer, não significa que

tenhamos de tratá-los como inimigos. Com certa habilidade podem ser nossos aliados. Há coisas que só o artista sabe fazer e a tecnologia pode nos ajudar nisso.

Uso da tecnologia como aliada

Seja a paisagem mostrada na figura abaixo. Como podemos observar, é uma bonita vista noturna de Paris, do Arco do Triunfo.



Figura 1: Paris à noite – Arco do Triunfo

Esta cena, do jeito que está, daria um bonito quadro. Entretanto, como disse, não estamos interessados em voltar com o livro para a estante. Queremos ver esse mesmo tema dentro de outras linhas e formas. Assim, para não caminhar de olhos fechados (e no escuro), usei filtros do *Photoshop* e fui obtendo, quase que instantaneamente, vários exemplos (os recursos dos nossos dias são realmente fantásticos). Mantive dois. Um de que gostei e outro que deixei para mostrar porque não o usei. Na Figura 2 está o que gostei.



Figura 2: Imagem que usei no trabalho

Observe que nesta mudança de linhas, continuo identificando o Arco do Triunfo, que era o meu objetivo (poderia não ser, mas era). Os carros sumiram. Em seu lugar apareceram outras interessantes formas. Veja as manchas vermelhas que ficaram no lugar das lanternas dos carros. Confesso que não teria tido essa ideia se procurasse novas linhas por mim mesmo. As árvores também foram substituídas por bonitas formas esverdeadas (que poderão ficar mais bonitas na pintura). O feixe de luz azul deixou de ser reto e ficou elegantemente sinuoso (que pretendo torná-lo ainda mais elegante). Isso sem falar nas manchas brancas que substituem as lâmpadas de iluminação (farei com que não fiquem tão brancas).

Pelos meus comentários acima, fica claro que não pretendo fazer do meu quadro uma simples cópia da imagem. A distorção gerada pelo *Photoshop* colocou na minha mente novas linhas que, como disse, não teria sido capaz de pensar nelas. Agora que elas estão lá, posso deixar que meus sentimentos sigam por elas, desviando aqui e ali por caminhos alternativos. Esta postura vai ficar clara durante a colocação dos outros passos até chegar à pintura final. Antes de começar a fazer isto, deixe-me mostrar a outra imagem de que falei. Veja por favor a figura a seguir. Achei

que ela fugiu do meu objetivo inicial (as linhas do Arco do Triunfo ficaram muito distorcidas – esta é apenas uma opinião – pode ser que alguém não ache).



Figura 3: Uma das imagens que optei por não usar.

Como esse era um trabalho experimental, preferi uma tela pequena. Usei 30x20 cm. Daí em diante, comecei seguindo meus passos habituais, isto é, fiz um desenho contendo as formas principais (veja Figura 4). Depois, usando misturas bem diluídas com terebintina, comecei fixando algumas das linhas do desenho e completei a marcação inicial (Figura 5). Nesta fase não uso branco. Trabalho com pigmentos transparentes (um ou outro semitransparente). Os que foram usados são: **PG36**, **PB15:3**, **PV23**, **PR170**, **PR122**, **PR101**(transparente), **PY83** e **PY42** (transparente).



Figura 4: Desenho contendo as linhas principais

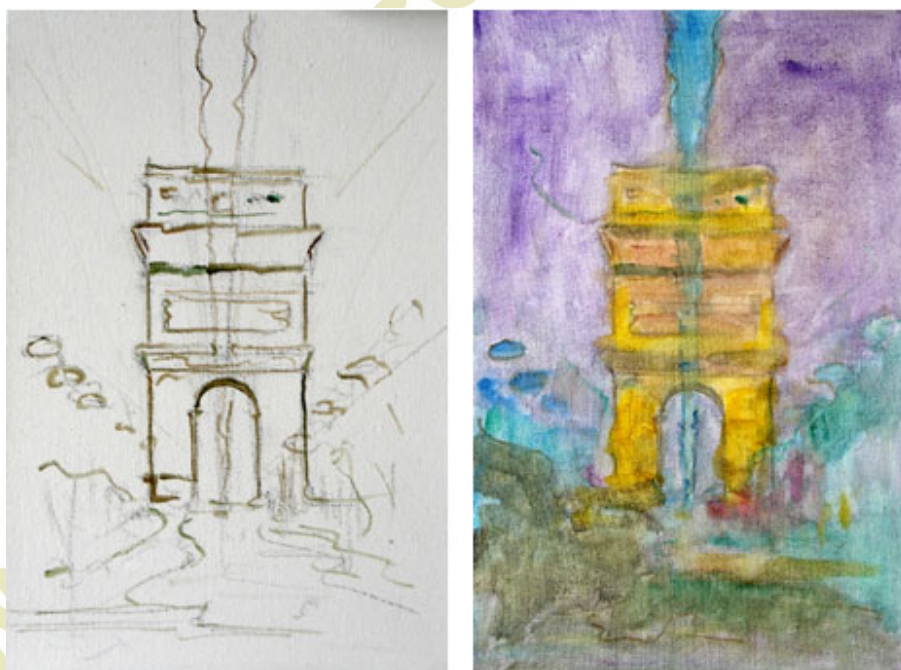


Figura 5: Marcação inicial com tintas transparentes e bem diluídas em solvente.

Agora vou passar para a fase final. Escolhi trabalhar com os seguintes pigmentos: **PR122**, **PR108**, **PR101** (transparente), **PY153**, **PY17**, **PY3**, **PY42** (transparente), **PG17**, **PG18**, **PG7**, **PG50**, **PG24**, **PB15**, **PB29**, **PV23** e **PW6/PW4** (veja Figura 6). A Figura 7 representa o momento em que

vou dar início a essa fase. Por enquanto, as duas imagens, real e distorcida, ainda figuram no cavalete.

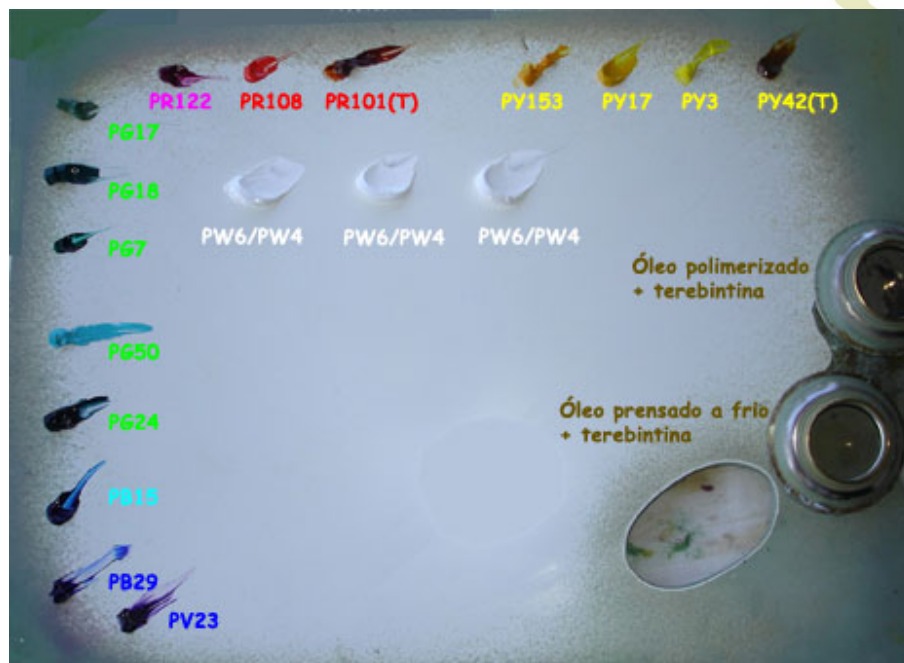


Figura 6: Tintas usadas na etapa final.

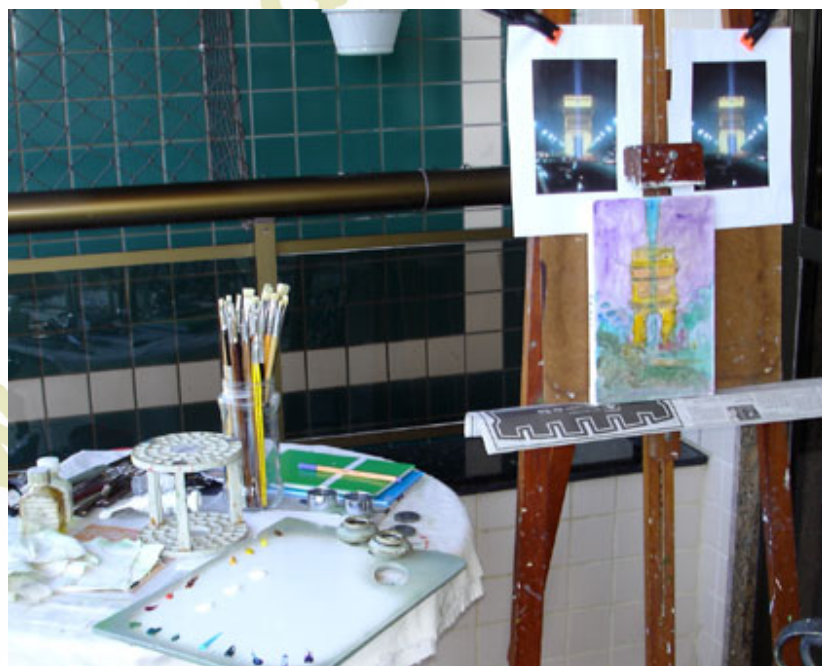


Figura 7: Momento antes do início da etapa final.

A Figura 8 corresponde a um momento intermediário da fase final. Aí, já procurei pelas cores definitivas. Ainda está faltando o buscar o equilíbrio dessas cores, bem como a harmonia das formas. Foi neste momento que tirei as fotos do cavalete. Elas já cumpriram o seu papel, que foi me sugerir um dentre os infinitos caminhos que poderia seguir. Agora que este caminho está na minha mente, é ela que tem de controlar meus passos finais. Nem sempre mão e mente obedecem uma à outra. Tudo bem, deve-se procurar também a harmonia dentro desse conflito.



Figura 8: A partir desse momento retirei as imagens que estavam no cavalete.

O quadro pronto encontra-se na Figura 9. Sempre termino um quadro muito cansado. A concentração e o esforço mental provocam também um grande consumo de energia. Ainda mais neste quadro, onde estava tentando algo novo. São momentos como este que acho engraçado quando ouço alguém se referir à nossa atividade como terapia.



Figura 9: **Arco do Triunfo** – óleo sobre tela – 30x20 cm